

Retrato, retratista e retratado¹

Marília Amorim

A criação estética expressa a diferença e a tensão entre dois olhares, entre dois pontos de vista. Se tomarmos o exemplo do retrato, em pintura, falaremos do olhar do retratado e do olhar do retratista ou artista. O trabalho desse último consiste em dois movimentos. Primeiro, o de tentar captar o olhar do outro, de tentar entender o que o outro olha, como o outro vê. O segundo, de retornar ao seu lugar, que é necessariamente exterior à vivência do retratado, para sintetizar ou totalizar o que vê, de acordo com seus valores, sua perspectiva, sua problemática.

O retratado é aquele que vive cada instante de sua vida como inacabado, como devir incessante. Seu olhar está voltado para um *horizonte* sem fim. O sentido da vida para aquele que vive é o próprio viver. O retratista tenta entender o ponto de vista do retratado, mas não se funde com ele. Ele retrata o que vê do que o outro vê, o que olha do que o outro olha. De seu lugar exterior, situa o retratado num dado *ambiente*, que é aquilo que cerca o retratado, e em relação ao qual é retratado pelo artista. O ambiente é uma delimitação dada pelo artista, uma espécie de moldura que enquadra o retratado. A delimitação do artista dá sentido ao outro, fornece uma visão do outro que lhe é completamente inacessível. Não

¹ Fragmento extraído do texto “Cronotopo e Exotopia” In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin, outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. Obra parcialmente disponível em <http://books.google.com.br/books?id=I5Y2FEVgzugC&printsec=frontcover&dq=bakhtin&lr=>

posso me ver como totalidade, não posso ter uma visão completa de mim mesmo, e somente um outro pode construir o todo que me define.

Um interessante exercício para trabalhar o conceito de exotopia [Bakhtin, 1992] é tentar observar o retrato que Picasso fez de uma de suas mulheres, Dora Maar. Sabemos que Picasso teve várias mulheres e que fez delas vários retratos, mas dentre os vários que pintou dessa mulher, esse se tornou o mais conhecido. Chama-se "A mulher que chora" e foi concluído no final de 1937.

Primeiramente é preciso dizer que a própria estética do cubismo coloca em cena uma multiplicidade de olhares. Mais do que o objeto em si, o que se vê são os múltiplos olhares sobre um objeto. O que poderíamos tomar como deformação do objeto é, na verdade, um certo corte do objeto e de alguns dos seus ângulos. Como o próprio Picasso disse, "eu pinto o que penso e não o que vejo". Essa estética rompe com a idéia de um objeto idêntico a ele mesmo, o que permitiria um olhar estável. Assim, ele restitui o movimento do sentido do objeto pela restituição do movimento do olhar.

Para Picasso, neste quadro, Dora Maar é *a mulher que chora*. Ela é definida pelas suas lágrimas, pelo seu choro, e toda a composição do retrato está a serviço dessa única idéia. Todos os elementos participam da composição do todo: o rosto descomposto, sacudido, animalizado, terrível, é o próprio retrato do choro e do sofrimento(...).

Picasso e Dora Maar eram comunistas militantes e, no momento do retrato, estamos em plena Guerra Civil Espanhola. Em maio/junho do mesmo ano, Picasso finaliza o famoso painel *Guernica*. Painel este que se inspirou em fotos da guerra de jornais da época. Dora Maar também era artista, fotógrafa e criadora de montagens cubistas. Ela fotografou as diferentes fases do painel *Guernica* enquanto este estava sendo feito por Picasso. Pode-se então dizer que Dora Maar olha a guerra e que Picasso restituiu o que vê do olhar de Dora Maar olhando a guerra.

Referência Bibliográfica:

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

sobre o(a) autor(a):

Psicóloga pela UFRJ. Doutora pela Universidade de Paris-8. Professora da Universidade de Paris-8.